



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 21 de Julho de 1999

O «céu» como plenitude de intimidade com Deus

Queridos irmãos e irmãs,

1. Quando tiver passado a figura deste mundo, aqueles que acolheram Deus na sua vida e se abriram com sinceridade ao seu amor pelo menos no momento da morte, poderão gozar daquela plenitude de comunhão com Deus, que constitui a meta da existência humana. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica, «esta vida perfeita, esta comunhão de vida e de amor com a Santíssima Trindade, com a Virgem Maria, com os anjos e todos os bem-aventurados chama-se "Céu". O Céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva» (n. 1024).

Queremos hoje procurar captar o sentido bíblico do «céu», para podermos compreender melhor a realidade a que esta expressão remete.

2. Na linguagem bíblica o «céu», quando está unido à «terra», indica uma parte do universo. A respeito da criação, a Escritura diz: «No princípio, Deus criou os céus e a terra» (*Gn 1, 1*).

No plano metafórico o céu é entendido como habitação de Deus, que nisto se distingue dos homens (cf. *Sl 104, 2 s.; 115, 16; Is 66, 1*). Do alto dos céus Ele vê e julga (cf. *Sl 113, 4-9*), e desce quando é invocado por nós (cf. *Sl 18, 7.10; 144, 5*). Contudo, a metáfora bíblica faz bem entender que Deus nem Se identifica com o céu nem pode estar encerrado no céu (cf. *1 Rs 8, 27*); e isto é verdadeiro, apesar de algumas passagens do primeiro livro dos Macabeus «o

Céu» ser simplesmente um nome de Deus (1 *Mac* 3, 18-19.50 e 60; 4, 24-55).

À representação do céu, como habitação transcendente de Deus vivo, acrescenta-se a dum lugar ao qual também os crentes podem chegar por graça, como no Antigo Testamento emerge das vicissitudes de Henoc (cf. *Gn* 5, 24) e de Elias (cf. 2 *Rs* 2, 11). Assim, o céu torna-se figura da vida em Deus. Neste sentido, Jesus fala de «recompensa nos céus» (*Mt* 5, 12) e exorta a «acumular tesouros no céu» (*Ibid.*, 6, 20; cf. 19, 21).

3. O Novo Testamento aprofunda a ideia do céu também em relação ao mistério de Cristo. Para indicar que o sacrifício do Redentor adquire um valor perfeito e definitivo, a Carta aos Hebreus afirma que Jesus «atravessou os céus» (*Hb* 4, 14) e «não entrou num santuário feito por mão de homem, figura do verdadeiro, mas no próprio Céu» (*Ibid.*, 9, 24). Os crentes, depois, enquanto são amados de modo especial por parte do Pai, ressuscitam com Cristo e tornam-se cidadãos do céu. Vale a pena escutar quanto o apóstolo Paulo nos comunica a respeito disso num texto de grande intensidade: «Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, estando nós mortos pelos nossos delitos, deu-nos a vida juntamente com Cristo. É pela graça que fostes salvos. Com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar lá nos Céus, em Cristo Jesus, para mostrar aos séculos futuros a extraordinária riqueza da sua graça, pela bondade que teve para conosco em Cristo Jesus» (*Ef* 2, 4-7). A paternidade de Deus, rico em misericórdia, é experimentada pelas criaturas através do amor do Filho de Deus crucificado e ressuscitado, o qual como Senhor está sentado nos céus à direita do Pai.

4. A participação na completa intimidade com o Pai, depois do percurso da nossa vida terrena, passa portanto através da inserção no mistério pascal de Cristo. São Paulo ressalta com viva imagem espacial este nosso caminhar rumo a Cristo nos céus, no fim dos tempos: «Depois nós, os vivos que ficamos, seremos arrebatados juntamente com eles sobre nuvens; iremos ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, portanto, uns aos outros, com estas palavras» (1 *Ts* 4, 17-18).

No contexto da Revelação sabemos que o «céu», ou a «bem-aventurança» na qual nos encontraremos, não é uma ideia abstracta, nem sequer um lugar físico entre as nuvens, mas uma relação viva e pessoal com a Santíssima Trindade. É o encontro com o Pai que se realiza em Cristo ressuscitado, graças à comunhão do Espírito Santo.

Deve-se manter perenemente uma certa sobriedade ao descrever estas «realidades últimas», dado que a sua representação permanece sempre inadequada. Hoje, a linguagem personalista consegue dizer de maneira menos imprópria a situação de felicidade e de paz em que nos estabelecerá a comunhão definitiva com Deus.

O *Catecismo da Igreja Católica* sintetiza o ensinamento eclesial acerca desta verdade, afirmando que «pela sua morte e ressurreição, Jesus Cristo "nos abriu" o céu. A vida dos bem-aventurados

consiste na posse, em plenitude, dos frutos da redenção operada por Cristo, que associa à sua glorificação celeste aqueles que n'Ele acreditaram e permaneceram fiéis à sua vontade. O Céu é a comunidade bem-aventurada de todos os que estão perfeitamente incorporados n'Ele» (n. 1026).

5. Esta situação final pode, entretanto, ser antecipada de algum modo hoje, quer na vida sacramental, cujo centro é a Eucaristia, quer no dom de si mediante a caridade fraterna. Se soubermos gozar de maneira ordenada dos bens que o Senhor nos concede cada dia, já experimentaremos aquela alegria e paz de que um dia haveremos de fruir plenamente. Sabemos que nesta fase terrena tudo está sob o sinal do limite, contudo o pensamento das realidades «últimas» ajuda-nos a viver bem as realidades «penúltimas». Estamos conscientes de que enquanto caminhamos neste mundo somos chamados a buscar «as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus» (Cl 3, 1), para estarmos com Ele na realização escatológica, quando no Espírito Ele reconciliar totalmente com o Pai todas as coisas, «tanto as da terra como as do céu» (*Ibid.*, 1, 20).

Saudações

Queridos Irmãos e Irmãs!

Saúdo todas as pessoas presentes de língua portuguesa, especialmente os vários grupos do Brasil e de Portugal - da diocese de Beja - desejando que esta peregrinação a Roma seja frutuosa para a vossa vida pessoal, familiar e social, encaminhando-a rectamente pelas sendas do Céu, onde esperamos encontrar-nos de novo. De coração, dou-vos a Bênção Apostólica.

Apresento especiais boas-vindas aos jovens que participam no Fórum da Juventude do Parlamento Europeu, assim como ao Coro São Vicente Ferrer, de Kaohsiung (Taiwan), e ao Grupo folclórico nativo de Taiwan, acompanhado do Cardeal Shan. Sobre todos os visitantes e peregrinos de língua inglesa, de modo especial da Inglaterra, Escócia, Coreia, Taiwan, Canadá e Estados Unidos da América, invoco a graça e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo. Oxalá tenhais um Verão feliz e abençoado!

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua espanhola, em particular às Religiosas Missionárias do Divino Mestre que celebram o aniversário da sua Profissão, assim como ao grupo das jovens de quinze anos de idade e aos outros grupos vindos do México, Argentina, Colômbia, de outros países da América Latina e da Espanha. Convido-vos a pedir à Virgem, nossa Mãe celeste, que vos guie à plena participação na glória de Cristo.

Dou cordiais boas-vindas a todos os peregrinos de língua italiana, em particular às Irmãs Oblatas do Sagrado Coração de Jesus, que nestes dias estão a participar no Capítulo Geral. Faço votos

por que, a exemplo da Fundadora, Madre Maria Teresa Casini, se empenhem com renovado impulso caritativo e missionário na obra da nova evangelização, no limiar do terceiro milénio.

Saúdo também os participantes no Congresso Internacional de Leigos que pertencem aos Movimentos e às Fraternidades laicais da Ordem agostiniana. Caríssimos Irmãos e Irmãs, faço votos por que este encontro, que reúne participantes provenientes dos cinco continentes, faça aumentar a comunhão fraterna entre vós e estimule o vosso generoso empenho de testemunho cristão, segundo o carisma agostiniano.

Cumprimento com afecto as crianças bielo-russas, hóspedes da Paróquia de Santa Cruz, em Macerata. O Senhor vos proteja, queridas crianças, e a quantos vos acolheram.

Por fim, dirijo um especial pensamento aos *Jovens*, aos *Doentes* e aos jovens *Casais*.

Celebra-se amanhã a memória litúrgica de Santa Maria Madalena, discípula do Senhor Jesus e primeira testemunha da sua ressurreição.

A vós, caros jovens, faço votos por que experimenteis pessoalmente a força libertadora do amor de Cristo, que renova em profundidade a vida do homem. Exorto-vos, queridos doentes, a oferecer os vossos sofrimentos pela conversão de quem é prisioneiro do mal. E encorajo-vos, prezados jovens esposos, a ser sinal da fidelidade de Deus também com o perdão recíproco, motivado pelo amor.